

FACÍNORAS/MATADORES/SICÁRIOS: A VIOLÊNCIA E O CONTATO COM A ALTERIDADE EM *MINEIRINHO*, ROSARIO TIJERAS E O INVASOR

Doutoranda Fernanda Andrade do Nascimento Alves¹ (UNICAMP)

Resumo:

Dois romances contemporâneos, O Invasor, do brasileiro Marçal Aquino, e Rosario Tijeras, do colombiano Jorge Franco, são postos aqui em diálogo com a crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector. O intuito é partir da reflexão e do debate ético despertados pela cronista brasileira e chegar a narrativas contemporâneas que também têm em suas linhas a expressão do “refugo” (BAUMAN, 2005).

Palavras-chave: literatura contemporânea, violência.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. [...] Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. (LISPECTOR, 1964, p. 101)

1 Introdução

O fragmento supracitado pertence à crônica/conto “Mineirinho”, publicada por Clarice Lispector após o assassinato pela polícia do “facínora” José Miranda Rosa, cujo apelido dá título ao texto da autora. De bandido procurado pela polícia, ele passa a personagem significativo/emblemático de um texto clariceano – e será sua representação literária, e não sua evidência real, a mobilizada neste trabalho. Interessa-nos aqui a relação significativa que se estabelece entre a cronista, representante de um “nós”, que integra a classe média-alta, e o “outro”, representante de um mundo marginal. Mineirinho é chamado de facínora pelos meios de comunicação da época e sua execução com treze tiros desperta sentimentos profundos na autora: era bandido sim, mas deveria estar vivo; já havia matado, mas nem por isso merecia ser executado. O assassinato do bandido e a quantidade de balas que alvejaram seu corpo fazem a cronista pensar em

um dos mandamentos, “não matarás” – princípio religioso, mas também de ordenação social.¹

Um interessante jogo linguístico põe em marcha a tentativa de identificação com o outro e de compreensão da alteridade. “Meu erro”, o erro dos sonsos – como Clarice chama os pertencentes à classe social cujo sono é velado pelo Estado – incide diretamente na “carne” de Mineirinho, cuja situação, relegado a resto, permite que a narradora compreenda a vida. A multiplicidade de sentidos do verbo “rebentar” (romper, quebrar, fazer explodir, fazer brotar, jorrar) aponta também a profusão de sentimentos – contraditórios, humanos – que tomam conta dessa mulher que se põe a escrever sobre um marginal:

Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver. Como não amá-lo, se ele viveu até o décimo terceiro tiro o que eu dormia? Sua assustada violência. Sua violência inocente – não nas consequências, mas em si inocente como a de um filho de quem o pai não tomou conta. Tudo o que nele foi violência em nós é furtivo, e um evita o olhar do outro para não correremos o risco de nos entendermos. (LISPECTOR, 1964, p. 102)

Em análise do texto de Clarice Lispector, Yudith Rosenbaum (2010) aponta uma das possíveis razões do interesse da cronista pela morte de Mineirinho: “Talvez para escoar também nela esse resto, essa sobra, resíduo informe de uma experiência amarga, criando, assim, um leito para um rio turbulento e obscuro, repleto do que desconhecemos” (ROSENBAUM, 2010, p. 171). Nesse sentido, Rosenbaum, cujo aporte psicanalítico não abordo aqui pelo limite de tempo, afirma que a escrita atuaria como escoadouro do resto em Clarice, motivada pelo desejo/necessidade/contingência de experimentar-se no limite de uma alteridade.

2 Os sonsos e o facínora: dilemas do contato com a alteridade

Sempre há um número demasiado *deles*. “Eles” são os sujeitos dos quais devia haver menos – ou, melhor ainda, nenhum. E nunca há um número suficiente de nós. “Nós” são as pessoas das quais devia haver mais. (BAUMAN, 2005, p. 47)

Resto, sobre, resíduo são palavras que também caracterizam esse sujeito que se encontra distanciado do centro, na margem e sobre o qual recai a culpa pelo nosso medo, como aponta Bauman em *Vidas desperdiçadas*: “Procurando em vão por outros escoadouros, mais adequados, os temores e ansiedades se despejam sobre alvos à mão e reemergem como o medo e a raiva populares

¹ “Esta é a lei [não matarás]. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque

dirigidos aos ‘estranhos que vivem nas redondezas’” (BAUMAN, 2005, p. 85).

Nesse livro, Bauman foca sua atenção numa figura descrita como central na sociedade contemporânea: o refugo, o lixo, seja o humano ou inumano. Em uma sociedade de consumidores como a nossa, protagonizada pelo que Bauman chama de Geração X, pertencem a essa categoria os desempregados, a população excedente, os migrantes. Em sua análise dos distintos tipos de refugo, Bauman também estabelece uma interessante contraposição entre “nós”, a elite social, e “eles”, o refugo, aquilo que é redundante, marginal e dispensável:

Ser “redundante” significa ser extranumerário, desnecessário, sem uso [...]. Ser declarado redundante significa ter sido dispensado *pelo fato de ser dispensável* – tal como a garrafa de plástico vazia e não-retornável, ou a seringa usada, uma mercadoria desprovida de atração e de compradores, ou um produto abaixo do padrão, ou manchado, sem utilidade, retirado da linha de montagem pelos inspetores de qualidade. (BAUMAN, 2005, p. 20)

A dispensabilidade também parece ser uma das questões suscitadas no texto de Clarice. Dada a condição marginal, aos olhos de alguns setores da sociedade, Mineirinho “poderia” ser executado, sua vida e sua existência seriam “dispensáveis”. Nesse sentido, é ilustrativa a série de notícias que davam conta da morte do marginal e, conseqüentemente, apontavam o desvalor de sua existência, nos jornais da época listada por Rosembaun (2010) e para as quais, podemos supor, Clarice traçava algum tipo de resposta, de oposição aflita que pusesse em evidência os equívocos da situação.

O senso de justiça de Lispector é outro que não o da pena capital e sumária, o de uma justiça pré-concebida que aprisiona o sujeito na categoria de refugo e marginal até mesmo antes do delito, ou que lhe reserva a execução sem julgamento. Essa visão é possível porque Clarice reconhece tanto nela quanto em Mineirinho o “grama de rádio”, um elemento compositivo dos dois sujeitos – cronista e marginal –, ou seja, um elemento comum ao humano, mas que, a depender da história pessoal, poderia transformar-se em ameaça, poderia incendiar-se.

[...] uma (*sic*) grama perigosa de *radium*, essa coisa é um grão de vida que se for pisado se transforma em algo ameaçador – em amor pisado; essa coisa, que em Mineirinho se tornou punhal, é a mesma que em mim faz com que eu dê água a outro homem, não porque eu tenha água, mas porque, também eu, sei o que é sede; e também eu, não me perdi; experimentei a perdição.
[...] o *radium* se irradiará de qualquer modo, se não for pela confiança, pela esperança e pelo amor, então miseravelmente pela doente coragem de destruição. (LISPECTOR, 1964, p.)

É interessante notar as imagens que se vão formando em torno do grama de rádio: grão de vida – água – solidariedade – confiança – esperança – amor em contraposição a amor pisado – punhal – perdição – miséria – doença – destruição. Dois universos de sentido oriundos de um

mesmo ínfimo elemento. O texto de Clarice também parece “desmontar” nosso ideal de ordem. À força desorientada de Mineirinho, ela opõe a maldade organizada dos sonsos – essa que deveria ser desfeita, cuja casa deveria ser destruída para dar lugar à compreensão. A destruição da casa fraca, ou seja, daquilo que é familiar e seguro, significaria a visão do desconhecido, da alteridade e a compreensão de que a ordem instaurada na casa fraca tem vigência, força e culpa pela existência do refugio. Outra possibilidade de leitura seria pensar que ao ideal de ordem perpetrado pelo Estado – restabelecido com a extirpação do refugio, com a eliminação do elemento que seria responsável pelo caos – Clarice contrapõe algo mais amplo e que uniria os dois lados de uma cidade cindida – o “desespero em nós”.

Embora passados quase 50 anos da publicação desse texto de Clarice, a inquietação em relação aos fatos narrados pela escritora e aos questionamentos por ela levantados parecem ainda ser um sentimento que invade a leitura e causa desconforto, náusea, revolta (pacífica?). Talvez porque essa sensação nasça na escrita em razão do problema social vislumbrado pela cronista e se transfira para a leitura. Outra razão possível para a permanência da inquietação – para além do talento da escritora ao tratar de temas como este – talvez resida no fato de que o lapso temporal e histórico parece não ter aplacado nem diminuído a distância entre o “nós” e o “outro”, muito menos tornado mais simples ou clara a relação entre “ordem” e “marginalidade”.

Dar corpo e voz ao refugio: essa parece ser a preocupação ou parte do projeto de alguns autores contemporâneos que têm tratado da violência urbana em países como o Brasil e a Colômbia. Tendo como horizonte de leitura a proposta ética e a profunda leitura social do texto clariciano, esta comunicação pretende traçar um diálogo entre a crônica dos anos 1960 e duas obras recentes: a novela *O invasor*, do escritor brasileiro Marçal Aquino, e o romance *Rosario Tijeras*, do colombiano Jorge Franco. Esses textos põem em cena um sujeito marginal, mais especificamente um matador – ou sicário, como são chamados os matadores de aluguel na Colômbia – em relação com os narradores, provenientes da classe média-alta.

Em *O invasor*, Ivan e Alaor, dois engenheiros de classe média, decidem contratar um matador para eliminar Estevão, o sócio majoritário proveniente da classe alta, de uma família tradicional, que dificultava a participação em uma licitação de cartas marcadas com o governo. Após o assassinato, o matador contratado, Anísio, “invade” a vida dos contratantes, infiltrando-se na empresa, na vida privada e namorando a filha do sócio morto. Talvez resida na inversão dessa questão um dos elementos mais atrativos da novela de Marçal Aquino. A Anísio é reservado um destino diferente do de Mineirinho – ele completará sua invasão e conquistará espaço na construtora e na vida de Marina – e de Rosário e a “justiça” é destinada a Ivan, o narrador: é ele o silenciado, a voz dissonante no crime-negócio.

O texto de *Rosario Tijeras* parte da visão de um corpo. Nesse caso, um corpo quase morto, cuja vida é motivo de aflição para o narrador. Trata-se das implicações da vida e da morte da sicária Rosario Tijeras na existência de Antonio, seu amigo e eterno apaixonado. No relato, o narrador afirma que a velocidade da maca, o vaivém da porta e uma ordem da enfermeira o separaram de Rosário, no entanto essa separação já havia se processado muito antes: separação em razão das diferentes classes sociais a que pertenciam; separação pelo amor não correspondido; separação forçada por causa da fuga de Rosário; separação provocada pelo amigo Emilio – a quem coube o privilégio de ter Rosário como namorada. A partir daí, o que temos é uma narrativa que alterna *flashbacks* para narrar, ou melhor, para tentar entender/organizar os fatos que levaram à previsível morte da sicária e ao imprevisível amor que o narrador sente por ela, esse outro, esse marginal. Rosário é uma prostituta e matadora de aluguel, levada a esse trabalho pelas condições sociais: quando menina, vivendo com a mãe nas *comunas*, foi violentada e, para vingar-se do violador, castrou-o com as tesouras que a mãe, costureira, tinha em casa. Por esse motivo, foi expulsa e teve de viver com o irmão, já envolvido com o narcotráfico e o sicariato, tornando-se, assim, prostituta e sicária a serviço dos grandes chefes do crime colombiano. Já no sicariato, envolve-se com Emilio, um jovem de classe alta colombiana e com seu melhor amigo Antonio. Os rapazes são levados a conhecer o sicariato, seduzidos pela figura de Rosário.

Se o espaço está dividido, como bem mostra Zuenir Ventura a propósito da configuração do Rio de Janeiro dos anos 1950 e 1960 em *Cidade partida*, essa cisão é também visível na São Paulo de *O invasor* ou na Medellín de *Rosario Tijeras* e esses corpos também se encontram constituídos pelo espaço que habitam ou aspiram habitar. O corpo de Mineirinho, alvejado, exposto, passa a estampar as capas de jornais, indicando o fim desejado para os bandidos do Rio de Janeiro à época: a morte, a execução pela polícia. O corpo de Anísio é invasivo e vai se transformando, aderindo aos objetos de consumo da classe social a que ele aspira, até ocupar o lugar desejado dentro da construtora onde consegue um posto. O corpo de Rosário, a serviço dos cartéis de droga e do sicariato, tem o mesmo destino que o de Mineirinho.

Se em “Mineirinho” a narrativa leva a uma transfiguração: a narradora se sente atingida pelas balas que crivaram o corpo do bandido, em *O invasor* processa-se a queda de Ivan à medida que se dá a invasão de Anísio. Em *Rosario Tijeras*, por outro lado, trava-se um processo de iniciação dos jovens no mundo da sicária.

Em “Para não dizer que não falei do samba”, Alba Zaluar desenvolve uma interpretação que também pode ser significativa para nossa leitura. A socióloga comenta justamente como o adjetivo “violento” é usado geralmente em discursos para falar do outro, apontando que, em “algumas cidades, o crime e a violência são como um artifício ou um idioma para se pensar o ‘outro’”

(ZALUAR, 1998, p. 248). Nesse sentido, Clarice Lispector propõe em sua crônica uma inversão – de vítima a vitimário, de vitimário a vítima – para mostrar que a segurança que “nós” sentimos/desejamos só se dá à custa de uma justiça “que vela” nosso sono e que a cronista repudia, por cruel, por sumária quando se aplica ao “outro”.

Embora não possamos colocá-los no mesmo patamar de reflexão do texto clariciano, em seus textos, Marçal Aquino e Jorge Franco tornam patente a irradiação da violência, mostrando que ela está disseminada entre outros setores/ações sociais, ainda que a “execução” do ato violento caiba ao sujeito marginal, excluído e subordinado a outras classes, não isentas da perpetração de prática violentas. Dessa forma, as obras estudadas põem em pauta o ofício de matar, atribuído sempre ao sujeito subalterno, como prova a história de figuras como os algozes, capatazes, capangas, pistoleiros, sicários, etc.

Os três autores, segundo a perspectiva que se adota nesta comunicação, adensam a discussão em torno do problema da violência: Lispector questiona a execução e o isolamento do refugo, assim como já coloca em pauta o tema da possibilidade de representação do marginal (o texto parece ser a tentativa de dar voz a esse morto); Aquino cria um personagem que consegue “ascender” socialmente por meio do crime e por influência direta da classe média-alta; Franco aborda o contato entre *comuna* e centro, mostrando os problemas sociais que intervêm na configuração do sicariato e as relações entre os jovens. O que lhe interessa é contar uma história de amor, o que garante um olhar terno e apaixonado em relação a esse outro social, o sicário, cujo pano de fundo é a sociedade colombiana devastada pelo crime. No caso de *Rosario Tijeras*, poderíamos pensar num certo exotismo, que apaixona Antonio e Emilio e que os inicia num ambiente da cidade que eles não conheciam.

Se Lispector foca a violência repressora do aparato policial, mostrando que há um problema social anterior à delinquência, Aquino e Franco acrescentam outro fator – a convivência e também a participação da classe média-alta. A leitura angustiada de *O invasor*, por exemplo, não se deve à narração de cenas explícitas de violência. Não é a espetacularização da crueldade – há poucas cenas em que isso ocorre: a pergunta de Anísio sobre como os clientes querem o serviço, se desejam que a vítima sofra, o que é seguido por uma curta descrição de uma assassinato e também a descrição dos cadáveres de Estevão e da esposa –, mas o diagnóstico (a aceitação? passiva?) de uma violência mais subreptícia, porque instaurada em gestos aparentemente pouco significativos do cotidiano: a luta de classe entre patrão e empregado, a disputa entre sócios, a mendicância e a violência no espaço urbano, a política da favor, a corrupção e, por fim, o uso da violência propriamente dita para a resolução de problemas.

Talvez por optar por esse recorte e por essa “violência fora de quadro”, expressão do próprio

autor, Aquino consiga causar mais incômodo. Recorre não apenas às imagens a que já estamos acostumados, mas instaura o eixo do problema no local onde vivemos: o espaço da classe média, que passa de vítima a vitimária. É evidente que não se absolve a atitude de Anísio, também um elemento constituinte dessa violência, mas, a nosso ver, se mostra a complexidade das relações que dão origem a atitudes violentas, já arraigadas em nossa sociedade. Ao quebrar a possível verossimilhança, permitindo que Anísio realize a invasão com naturalidade, sem questionamento, e ao criar um narrador em primeira pessoa, um fraco que se deixa levar pelo plano de assassinato e depois se arrepende, a narrativa prende o leitor – Ivan se safará, seus valores são tão sórdidos como o de Alaor, ele é menos culpado? – e, ao mesmo tempo, o afasta – podemos nos reconhecer no papel de Ivan? Talvez por escancarar a corrupção e a violência da própria classe média-alta, o texto não se restrinja a uma fruição mórbida, ao deleite da cena violenta. A meu ver, Aquino promove um deslocamento. Não está presente a discussão ética e profunda, como ocorre na crônica de Lispector, mas a proposição desse contato entre esferas da sociedade, contato propiciado pelo crime, problematiza outros aspectos da violência, que não apenas a pobreza.

Ao sobrepor o ofício de Anísio ao plano de assassinato elaborado pelos sócios, à corrupção tanto da empresa quanto da polícia, o texto de Aquino parece sugerir que esses mundos não se encontram tão distantes e que o crime, muitas vezes, é uma via de contato entre eles, não apenas porque a classe média-alta seja a vítima, mas porque ela pode ser também a mandatária, a autora intelectual dos crimes. Essa sobreposição de planos da criminalidade no espaço urbano garante, por si só, uma importante problematização do contato entre sujeitos que ocupam polos diferentes da sociedade. Além disso, ao mostrar as estratégias delituosas para acumular riqueza, também mostra que todas as posses, assim como certa educação, não seriam “um dom natural das elites”, mas conquistas nem sempre justas ou honestas. Nessa mesma linha, Franco também questiona a juventude colombiana e o papel da elite como consumidora do tráfico de drogas que assolou o país.

Embora em graus distintos, cremos que é possível notar nos três textos analisados aqui brevemente a condenação de determinados aspectos da vida social brasileira e colombiana, apontando para elementos que contribuem para a configuração de um panorama complexo da violência, no qual não é possível apontar ou distinguir de forma simplificada inocentes e culpados, vítimas e algozes.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, Marçal. **O invasor**. 1. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2002. (Coleção Carpe Diem.)
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro:

Jorge Zahar, 2005.

FRANCO RAMOS, Jorge. **Rosario Tijeras**. Barcelona: Mondadori, 2006.

LISPECTOR, Clarice. Mineirinho. In: *Legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964.

ROSENBAUM, Yudit. A ética na literatura: leitura de "Mineirinho", de Clarice Lispector. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 69, 2010. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-0142010000200011&lng=em&nrm=iso>. Acesso em: 26 mar. 2011.

ZALUAR, Alba. Para não dizer que não falei de samba: os enigmas da violência no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

i **Fernanda ANDRADE DO NASCIMENTO ALVES, doutoranda**
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)
Instituto de Estudos da Linguagem
fernanan01@yahoo.com.br